



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

GABRIEL HEITOR DE MORAIS ALVES

**RELATÓRIO TÉCNICO DO DOCUMENTÁRIO “MONTAGEM POR
TODA PARTE”: A MONTAGEM NO CINEMA PARAIBANO DO
SÉCULO XXI**

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

GABRIEL HEITOR DE MORAIS ALVES

**RELATÓRIO TÉCNICO DO DOCUMENTÁRIO “MONTAGEM POR
TODA PARTE”: A MONTAGEM NO CINEMA PARAIBANO DO
SÉCULO XXI**

Relatório técnico apresentado ao curso de Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Cássia Lobão Assis

**CAMPINA GRANDE – PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474r Alves, Gabriel Heitor de Moraes.
Relatório técnico do documentário "Montagem por toda parte" [manuscrito] : a montagem no cinema paraibano do século XXI / Gabriel Heitor de Moraes Alves. - 2022.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Cássia Lobão Assis, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Documentário. 2. Cinema paraibano. 3. Montagem cinematográfica. 4. Relatório técnico. 5. Produto midiático. I.
Título

21. ed. CDD 791

GABRIEL HEITOR DE MORAIS ALVES

**RELATÓRIO TÉCNICO DO DOCUMENTÁRIO “MONTAGEM POR
TODA PARTE”: A MONTAGEM NO CINEMA PARAIBANO DO SÉCULO XXI**

Relatório Técnico apresentado ao curso de Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Jornalismo.

Área de concentração: Produção audiovisual

Aprovado em: 28/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cássia Lobão Assis (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rômulo Ferreira de Azevedo Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Maria Zita Almeida Batista dos Santos
Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos (CESREI)

Este trabalho é dedicado ao povo da Paraíba e a todos os colegas da ilha de edição que fazem um trabalho silencioso, discreto, mas indispensável para a resistência do nosso cinema e nossa cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Silmaria Moraes e Glauber Alves, meus pais, por terem batalhado tanto pelos meus sonhos e jamais terem me pedido para desistir deles. Aos meus padrinhos, Gessicleide Alves e Paulo Roberto (“Tia Geta e Pá”), pelo apoio irrestrito em todas as minhas formações. A todos os meus familiares, na pessoa de Maria Santana dos Prazeres, minha bisavó, pela sabedoria compartilhada e os bons exemplos. A Katarina Maelly, minha melhor amiga e companheira de vida, por encher meus dias de luz e dividir, lado a lado, todas as alegrias e dores ao longo dos caminhos.

Deixo também minha gratidão aos professores que tive, nas pessoas de Cássia Lobão (orientadora neste trabalho e instrumento de paz na minha jornada acadêmica), Socorro Palitó, Maria Zita e Rômulo Azevedo, pelo conhecimento partilhado, gentilezas e trocas de ideias, dentro e fora da sala de aula. Sou grato ainda a Carol Diógenes, Fernanda Jordão, Renata Jordão e Thaís Alves, por tudo que vivemos nos últimos 4 anos e por terem sido verdadeiramente uma família para mim em Campina Grande. Agradeço também a todos os demais amigos que me apoiaram e incentivaram o meu trabalho no jornalismo, na fotografia e no audiovisual.

O produto midiático relatado neste trabalho não teria sido realizado sem o apoio de muitas pessoas e portanto, sou grato: a Sara Andrade e Sarah Cristinne pelo constante suporte na produção deste documentário; a Futura Leonardo, por encarar o desafio da narração; aos entrevistados André da Costa Pinto, Arthur Lins, Helton Paulino, Jaime Guimarães, João Carlos Beltrão, Kennel Rógis, Lunara Vasconcelos, Romero Azevedo e Silvio Toledo, por abrirem suas casas e dividirem comigo as suas memórias; a Cláudia Soriano (Cacau), companheira de Ely Marques (in memoriam), por apoiar a realização da homenagem a este importante realizador do cinema paraibano e a todos que autorizaram as reproduções de suas obras audiovisuais no documentário.

Por fim, sou grato ao povo paraibano, por protagonizar as narrativas que inspiram a mim e a tantos outros contadores de histórias e ressalto ainda a gratidão aos pesquisadores e trabalhadores do cinema do nosso estado, que se empenham em manter viva a cultura da Paraíba, em especial aos montadores (“heróis” deste trabalho), por resistirem às intempéries da ilha de edição, abrilhantando com muita bravura as ficções, animações e documentários dos realizadores de todas as partes da nossa região.

RESUMO

O documentário “Montagem por toda parte” busca ressaltar a importância do trabalho de montagem cinematográfica aplicado no cinema paraibano do século XXI, além de investigar as técnicas utilizadas pelos montadores e suas intenções narrativas durante esta etapa indispensável para a realização de um filme. Este relatório detalha o planejamento, a produção e a execução deste produto midiático, revelando os referenciais e esforços necessários para a realização do documentário.

Palavras-Chave: Documentário. Cinema paraibano. Montagem cinematográfica. Relatório técnico. Produto midiático.

ABSTRACT

The documentary “Montagem por toda parte” intend to highlight the value of cinematographic editing in the Paraiba’s cinema in the 21st century, as well as investigating the techniques used by the film editors and their storytelling intentions during this indispensable stage for a movie. This report details the planning, production, and execution of this media product, reveals the references and efforts required to complete the work.

Keyword: Documentary. Paraiba’s Cinema. Cinematographic editing. Technical report. Media product.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrevistas com André da Costa Pinto, Arthur Lins e João Carlos Beltrão	34
Figura 2 - Entrevista com Romero Azevedo	34
Figura 3 - Entrevistas com Carol Diógenes, Silvio Toledo e Kennel Rógis	35
Figura 4 - Entrevista com Jaime Guimarães.....	35
Figura 5 - Entrevistas com Helton Paulino, Lunara Vasconcelos e Rômulo Azevedo	36
Figura 6 - Narração com a atriz Futura Leonardo	36
Figura 7 - Print da linha do tempo da montagem	37
Figura 8 - Print do plugin “Magic Bullet Colorista V” na colorimetria.....	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	OBJETIVOS.....	12
2.1	Geral.....	12
2.2	Específicos.....	12
3	JUSTIFICATIVA.....	12
4	O DOCUMENTÁRIO.....	13
4.1	Identidade.....	13
4.2	Escolhas.....	14
5	CRONOGRAMA.....	15
6	PRODUÇÃO E GRAVAÇÕES.....	16
6.1	André da Costa Pinto.....	17
6.2	Arthur Lins.....	18
6.3	João Carlos Beltrão.....	19
6.4	Romero Azevedo.....	19
6.5	Carol Diógenes.....	20
6.6	Jaime Guimarães.....	20
6.7	Silvio Toledo.....	21
6.8	Lunara Vasconcelos e Helton Paulino.....	22
6.9	Kennel Rógis.....	22
6.10	Rômulo Azevedo.....	23
6.11	Bebel Lélis e Joana Maia.....	23
7	DETALHAMENTO TÉCNICO.....	24
7.1	Captação de imagens.....	24
7.2	Captação de áudio.....	25
8	PÓS-PRODUÇÃO.....	26
8.1	Roteiro para narração.....	26

8.2	Arquivos.....	27
8.3	Montagem	28
8.4	Finalização	29
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
	ANEXOS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Observando o panorama histórico do cinema brasileiro, é possível reparar uma produção artística por muitas vezes prejudicada por fatores que vão desde o controle hollywoodiano do “triângulo de ouro” do cinema (produção, distribuição e exibição) até as problemáticas que dizem respeito ao incentivo da sétima arte por parte do poder público. Ademais, conforme explica Ballerini (2012, p.19), o período inicial do cinema nacional (começo do século 20) se deu em uma época em que a prioridade era o estabelecimento concreto de indústrias de itens como alimentos e roupas, o que fez com que não houvesse de fato a intenção de elevar a produção do audiovisual brasileiro ao patamar industrial como ocorreu com Hollywood. Apesar desse e muitos outros percalços, o cinema do Brasil é uma arte que vem resistindo bravamente às intempéries e, ao fazermos um recorte, analisando a produção ficcional e documental no Estado da Paraíba, podemos perceber que a décima nona economia do país tem feito o mesmo. Entretanto, muitas das etapas da realização de um filme são negligenciadas em investigações – acadêmicas ou não – do cinema paraibano, sendo a montagem (processo que consiste em selecionar, ajustar e ordenar planos em um produto audiovisual a fim de criar uma lógica narrativa) uma dessas.

A ausência de textos, entrevistas, artigos, documentários e outras mídias que se dediquem a investigar, catalogar ou compreender com maior profundidade o trabalho realizado pelos profissionais de montagem no audiovisual paraibano revela a necessidade de um estudo acerca desta etapa. Considerando que no século 21 vivencia-se um “momento de efervescência com a possibilidade de realização independente, através da utilização criativa das tecnologias digitais” (ROLIM, 2017, p.7), percebe-se a importância de pesquisas e produtos que busquem entender como a montagem colaborou para a criação de sentidos narrativos das obras audiovisuais paraibanas dos últimos 20 anos. É ciente disso que surge o “Montagem por toda parte”, com a finalidade de traçar um breve panorama sobre a origem do cinema no Brasil e na Paraíba, narrando rapidamente a origem do processo de montagem e, por fim, investigando e analisando quatro obras (uma referente a cada mesorregião do estado) ficcionais produzidas e montadas entre 2001 e 2021: “Amanda e Monick” (2007), “O plano do cachorro” (2009), “Sophia” (2013) e “A princesa de Elymia” (2018), bem como entrevistando os profissionais da ilha de edição responsáveis por esses produtos, dando voz a esses trabalhadores que nem sempre recebem os holofotes da mídia ou da crítica especializada.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Produzir um documentário em curta-metragem, com duração de 22 minutos, sobre o trabalho de montagem no cinema paraibano do século XXI, contextualizando o pioneirismo paraibano e estudando quatro obras do cinema contemporâneo.

2.2 Específicos

1. Realizar um documentário com linguagem acessível para todos os públicos e apto a ser reproduzido como conteúdo didático em salas de aula ao redor do Brasil;
2. Veicular o filme nos festivais de cinema locais, regionais e nacionais;
3. Apresentar o produto midiático como Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba;
4. Levantar o debate sobre a importância do trabalho de montagem para o cinema paraibano, levando a pauta para as mídias digitais e demais espaços.

3 JUSTIFICATIVA

Considerando o atual cenário de desmonte do cinema nacional, incentivado sobretudo pelas gestões públicas e impactado ainda mais pela eminente pandemia do Coronavírus, são cada vez mais urgentes os estudos sobre as produções locais, os responsáveis por essas e as técnicas que aplicaram, levando ainda em consideração a severa escassez de materiais que aprofundem suas investigações no processo de montagem, etapa imprescindível para a construção da narrativa cinematográfica e que é despercebida, não só no cinema realizado no Brasil, mas também em todo o mundo. Com o advento de novas tecnologias (como *smartphones*, *tablets*, câmeras de ação e afins) que facilitam a realização do cinema digital e podem aumentar exponencialmente a produção de filmes a nível global, faz-se ainda mais necessário a análise do processo de edição dos curtas e longas-metragens concretizados nas quatro mesorregiões (Zona da Mata, Agreste, Cariri/Borborema e Sertão) do estado da Paraíba, no intuito de manter viva a memória da sétima arte e abalizar os paraibanos responsáveis pela realização dessa, de forma que os futuros cineastas ou entusiastas do cinema local possam ter

um contato próximo e acurado com os tipos de montagem realizados antes deles. Além disso, reforça-se a necessidade de um olhar atento à produção local, pois conforme explica Canuto (2019), observar o audiovisual da Paraíba é um caminho para entender a riqueza e a pluralidade cultural do estado.

Perceber o audiovisual paraibano sob uma ótica de pertencimento nos faz compreender a riqueza contida na cultura paraibana e sua pluralidade. A conjuntura do cinema nacional historicamente privilegiou eixos econômicos consolidados, criando uma falsa percepção da cultura brasileira, centrada no contexto do Rio-São Paulo e com algumas janelas emergentes como Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (CANUTO, 2019, p.184).

No que diz respeito à escolha de um produto midiático – o documentário, neste caso – para levar o estudo adiante, justifica-se frente à finalidade de popularizar esta pesquisa e de ofertar aos montadores a chance de falar na mídia com a qual trabalham. Há ainda, segundo Nichols (2005), um forte potencial de identificação do público espectador com a situação de diálogo fomentada pelo documentário audiovisual: “Como espectadores, temos a sensação de que testemunhamos uma forma de diálogo entre cineasta e participante que enfatiza o engajamento localizado, a interação negociada e o encontro carregado de emoção” (NICHOLS, 2005, p.162).

Destarte, a produção de um documentário sobre o tema proposto mobiliza não somente os estudos acadêmicos no cinema e nas áreas afins, como também demonstra ser relevante para um produto que deseja apresentar-se como didático e apto a se fazer presentes nas escolas, salas de cinema e festivais de todo o país.

4 O DOCUMENTÁRIO

4.1 Identidade

Para Aumont (1995, p. 62), o processo de montar um filme pode ser definido como “o princípio que rege a organização de elementos visuais e sonoros e seu agrupamento, justapondo, encadeando e/ou organizando a sua duração”. Diante deste conceito, é possível identificar (antes mesmo do início da realização do produto proposto) que há uma nítida diferença entre as obras produzidas na Paraíba do século XXI e os filmes que iniciaram o cinema ficcional. É evidente que, com o avanço tecnológico, elementos como resolução de imagem, cores, taxas de quadros por segundo e afins teriam um progresso, mas neste caso, a distinção se dá no aspecto narrativo criado pela montagem. As escolas clássicas de montagem, como elucida Joly

(2002), apud Canelas (2010, p.1), têm suas origens nos Estados Unidos e na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com os nomes de Edwin Porter e David Griffith (representando a montagem norte-americana), bem como os de Lev Kulechov, Vsevolod Pudovkin, Sergei Eisenstein e Dziga Vertov (representantes da linha de montagem soviética).

Ao tempo em que as escolas mencionadas surgiram concomitantemente ao cinema no mundo – experimentando linguagens e aplicando seus conceitos às mais diversas situações narrativas – na Paraíba, a produção cinematográfica iniciou-se ativamente com *Sob o céu nordestino*, de Walfredo Rodrigues, em 1928, e foi com *Aruanda* (1959), de Linduarte Noronha, que a produção local se destacou e chamou a atenção por muitos de seus aspectos, sendo a montagem um deles.

Antes mesmo da sua estreia comercial no cinema Rex, em João Pessoa, capital da Paraíba, em setembro de 1960, *Aruanda* já repercute nos meios cinematográficos brasileiros. O jovem crítico baiano Glauber Rocha, àquela altura às voltas com a produção do seu primeiro longa-metragem, *Barravento*, assiste ao filme ainda na moviola, no Rio de Janeiro, e transmite o impacto que este lhe causa em artigo no *Jornal do Brasil*. (TREVAS, 2020, p.198).

Conforme mencionado por Fernando Trevas, *Aruanda* foi um filme impactante e disruptivo a ponto de impressionar o jovem Glauber Rocha, que viria a ser um dos maiores da cinematografia nacional, participando de um movimento extremamente importante para o audiovisual brasileiro, diretamente influenciado pelo próprio trabalho de Noronha em *Aruanda*: o Cinema Novo. Sobre suas impressões acerca do documentário, Rocha (1960) chega a comparar *Aruanda* com *Paisá* (1946), de Roberto Rosellini e, dentre outras observações, declara: “Noronha e Vieira entram na imagem viva, na montagem descontínua, no filme academicamente incompleto. *Aruanda* inaugura assim o documentário brasileiro.”

É diante dessas percepções que se torna notável o quanto o cinema do estado da Paraíba teve e tem contribuições de extrema relevância para o cenário audiovisual brasileiro, e mais que isso: possui uma identidade completamente distinta das escolas de montagem e das obras que deram início à sétima arte, o que evidencia que para a construção de um documentário sobre montagem paraibana, é válido traçar um panorama breve sobre os primórdios do cinema, mas é essencial que seja feito um recorte local para que as singularidades de suas obras possam ser verdadeiramente ressaltadas.

4.2 Escolhas

Dentre as muitas decisões necessárias para uma produção assertiva do documentário a ser realizado, a de quais filmes paraibanos do século XXI protagonizariam a investigação foi,

sem dúvidas, a mais delicada. Antes de tudo, por entender que existe uma vasta produção no cenário local, sobretudo no período delimitado para esta pesquisa (tendo em vista os avanços tecnológicos e o maior acesso a câmeras, computadores para edição e afins), e que todas possuem seu valor e são igualmente dignas e merecedoras de participarem de um trabalho como tal. No entanto, considerando as limitações orçamentárias e de tempo para a realização de “Montagem por toda parte”, era de extrema importância que fossem escolhidas quatro obras cinematográficas. Destarte, os filmes foram selecionados para representar, cada um, uma das quatro mesorregiões da Paraíba: Sertão, Agreste, Borborema/Cariri e Mata e possuem diferenciais que justificam a escolha. A tabela abaixo lista as obras (e ano de produção), duração em minutos, mesorregião que representa, montador encarregado e o diferencial observado para a seleção.

OBRAS	DURAÇÃO	MESORREGIÃO	MONTADOR	DIFERENCIAL
Amanda e Monick (2007)	19 minutos	Borborema	André da Costa/ Carlos Carvalho	Doc. LGBT no começo do século
O Plano do Cachorro (2009)	10 minutos	Mata Paraibana	Arthur Lins/Ely Marques/Shirley Martins	Um dos últimos filmes finalizados em 16mm no país
Sophia (2013)	15 minutos	Sertão	Kennel Régis	Filme mais premiado do Sertão
A Princesa de Elymia (2018)	104 minutos	Agreste	Eduardo P. e Silvio Toledo	Primeiro longa animado da PB

5 CRONOGRAMA

Para a realização deste produto, foi necessária a elaboração de um cronograma que obedecesse às agendas do realizador, bem como das fontes e ainda levando em conta o planejamento indispensável para o processo de edição, bem como de finalização dos trâmites para a apresentação do presente relatório e do produto como Trabalho de Conclusão de Curso.

TAREFA	OUT/2021	NOV/2021	DEZ/2021	JAN/2022	FEV/2022	MAR/2022
Planejamento e pesquisa	X	X				
Produção			X			
Gravações				X	X	
Roteiro de edição					X	
Montagem do Documentário					X	X
Finalização e revisão do relatório						X
Apresentação e defesa do TCC						X

6 PRODUÇÃO E GRAVAÇÕES

A etapa de produção deste trabalho teve início em dezembro de 2021, conforme planejamento indicado no cronograma. Embora existam quatro personagens centrais para as entrevistas (os montadores citados no item 4.2), outros nomes foram adicionados à lista, levando em consideração aspectos narrativos. Os dois primeiros nomes fora do núcleo inicial foram os dos professores Rômulo e Romero Azevêdo; a escolha destes personagens se deu com base na afinidade de ambos com a historiografia do cinema, possibilitando assim, contextualizações do panorama histórico no estado da Paraíba, além de ter fontes precisas para levantar questões como “a diferenciação da montagem analógica para a digital” e outras perguntas do gênero que vieram à tona nos roteiros de entrevistas.

Tendo em vista a importância do realizador audiovisual Ely Marques (in memoriam) para a Montagem Paraibana nos últimos 20 anos, houve a decisão de incluir na narrativa uma homenagem aos trabalhos prestados por este profissional e investigar ainda o que alguns dos

trabalhadores do audiovisual paraibano aprenderam com ele nas oportunidades em que estiveram juntos. Para este núcleo, foram adicionados os nomes de: João Carlos Beltrão, diretor de fotografia e parceiro de trabalho de Ely Marques; Helton Paulino, diretor e parceiro de trabalho de Ely Marques; Lunara Vasconcelos, produtora e parceira de trabalho de Ely Marques e Jaime Guimarães, montador e amigo de Ely Marques. A inclusão de uma homenagem a um montador - vítima do cenário de pandemia instaurado em 2020 - na narrativa deste documentário não só contextualiza a época de sua realização, como mantém viva a memória e o legado profissional de um trabalhador extremamente ativo no cinema da Paraíba.

Ainda nesta etapa, ficou evidente a necessidade da inclusão de um assunto no produto: a presença feminina na montagem paraibana deste século. No Estado em questão, dois nomes são lembrados diante de uma escassez gritante de profissionais mulheres na área, sendo Bebel Lélis e Joana Maia as representantes neste núcleo. Houve também a decisão de adicionar uma montadora estreante - montando seu primeiro filme - na lista de entrevistados, assim, com o acréscimo do nome de Ana Carolina Diógenes, graduanda em jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba, encerrou-se a listagem dos personagens para o documentário, totalizando 13 pessoas a serem contatadas e convidadas para participarem do trabalho.

6.1 André da Costa Pinto

O montador e diretor da obra *Amanda e Monyck* (2007), André da Costa Pinto, foi o primeiro dos entrevistados. O contato foi feito a partir do aplicativo de mensagens WhatsApp, no dia 17 de dezembro de 2021. Embora não resida na Paraíba, o realizador audiovisual estava de passagem pelo Cariri do Estado e, após aceitar o convite, a data da gravação ficou definida para o início do ano seguinte. No dia 3 de janeiro de 2022, a entrevista foi agendada para o dia 11 do mesmo mês, entretanto, diante de problemas de ordem pessoal do cineasta, a data foi remarcada para o dia 13, à tarde, em minha residência.

No tocante à condução da entrevista e o seu roteiro, estes foram divididos em três etapas: a primeira investiga a carreira audiovisual do montador, indaga sobre a obra em questão, “*Amanda e Monyck*” e levanta questionamentos sobre os desafios da montagem do filme em sua época de realização, o que o montador faria de diferente caso tivesse essa possibilidade e outras perguntas do gênero; a segunda etapa trata da figura de Ely Marques (apenas os realizadores que tiveram contato com ele têm esta etapa presente no seu roteiro de entrevista) e as experiências que os entrevistados tiveram com ele. Incluir estas perguntas para os

montadores do núcleo principal do documentário é uma estratégia que já leva em consideração o processo de montagem do trabalho; a terceira etapa, por fim, aborda a presença feminina no cenário do audiovisual paraibano. A ideia é investigar com estes montadores – homens, quatro no núcleo principal, Kennel, Arthur, Sílvio e André – o contato que tiveram com montadoras, bem como entender suas opiniões sobre o porquê de as mulheres nas ilhas de edição paraibanas ser algo tão raro.

A entrevista com André transcorreu sem problemas e rendeu – gravando – 21 minutos de material bruto. Após isso, foi solicitado ao cineasta o arquivo final da obra “Amanda e Monyck” em alta resolução, para reprodução no documentário. O arquivo em questão foi enviado online.

6.2 Arthur Lins

Arthur foi o segundo cineasta a ser entrevistado. Colega e amigo de Ely Marques, realizou junto a ele “O Plano do Cachorro”, um dos últimos filmes filmados e finalizados em 16mm no Brasil. “O Plano”, como é carinhosamente chamado por Arthur e demais pessoas próximas da obra, representa neste trabalho a mesorregião da Mata Paraibana e a entrevista com Arthur Lins preenche dois dos três núcleos do documentário com precisão: o primeiro, que aborda a montagem da obra e o segundo, que homenageia Ely. Contatei-o, também por WhatsApp, em 3 de janeiro de 2022.

Apesar de morar em Salvador-BA, o cineasta veio a João Pessoa no final de 2021, com previsão de retorno no dia 20 de janeiro de 2022, o que fez dele uma das fontes “prioritárias” no cronograma de gravações. Por esta razão, no dia 15 de janeiro de 2022, viajei à capital paraibana para realizar a entrevista com Arthur, agendada para a manhã do dia 18.

Como previsto, Arthur provou ser um personagem indispensável para a narrativa do documentário. Tratar no roteiro de entrevista acerca de montagem em 16mm (analógico, completamente destoante da realidade da montagem digital da modernidade) enriqueceu o produto com brilhantismo e ainda criou espaço para aprofundar o debate “*analógico versus digital*” com os professores Rômulo e Romero Azevedo. Ademais, tratar de “O Plano do Cachorro” facilita – *a posteriori* – a conexão entre os núcleos, finalizando as investigações sobre a montagem dos filmes paraibanos e trazendo para a narrativa a homenagem a Ely.

Sobre Ely Marques, Arthur pôde falar como um realizador que teve experiências diversas com o montador e revelou detalhes do trabalho feito por eles em “O Plano do

Cachorro” junto à montadora Shirley Martins, além de relembrar histórias de outras produções audiovisuais. Arthur foi o único entrevistado cuja obra investigada no documentário conta com a participação feminina, destarte, ao questioná-lo sobre essa presença no mercado atual, foi possível obter também falas contundentes e precisas acerca do quanto essa ausência denuncia problemáticas na Paraíba e no mundo. Este encontro resultou em 32 minutos de material bruto.

6.3 João Carlos Beltrão

A viagem a João Pessoa para entrevistar o diretor e montador Arthur Lins tornou oportuno também o encontro com o diretor de fotografia João Carlos Beltrão, que foi sócio de Ely Marques, amigo próximo e atualmente é um dos responsáveis por manter seu legado e trabalho vivos. Falar com João Carlos foi sugestão de outro dos entrevistados deste documentário, o montador Jaime Guimarães. Contatei o diretor de fotografia no dia 7 de janeiro de 2022, por mensagem via WhatsApp.

A entrevista com João foi marcada também para o dia 18, no turno da tarde, na TV IFPB, Centro da capital. A princípio, este deveria ser um dos diálogos mais breves do trabalho, visto que contempla apenas um dos três núcleos nos quais ele está segmentado (João é entrevistado apenas do núcleo sobre Ely Marques), contudo, as emoções e a eloquência deste entrevistado resultaram em mais de 30 minutos de material bruto, sem levar em consideração os diálogos com a câmera desligada, que foram elucidadoras para a condução da narrativa sobre Ely.

Dada a proximidade pessoal a profissional com o homenageado, João foi o personagem que mais intentou delicadeza nas formas e na postura das perguntas que compunham o roteiro de entrevista. Indubitavelmente, foi a entrevista mais sentimental do produto. João Carlos colaborou ainda com a produção deste trabalho, informando Cláudia Silveira, viúva de Ely Marques, com quem se encontraria dois dias após a gravação da entrevista, sobre a realização deste trabalho, viabilizando ainda o contato entre ela e a direção do trabalho.

6.4 Romero Azevedo

Contatamos o professor Romero Azevedo no dia 7 de janeiro de 2022, pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. Dada a agenda de compromissos do entrevistado, o encontro para a gravação ficou definido para o dia 1 de fevereiro, em sua residência. Devido à experiência do

professor com montagem e história do cinema, sua participação foi bastante valiosa para a narrativa. Com ele, não só foi possível tratar do aspecto conceitual da montagem, como também tivemos histórias inusitadas que passam do cinema mundial, até situações mais próximas do cinema paraibano, como um paralelo extremamente bem traçado entre *Aruanda (1959)* e o clássico do Cinema Novo, *Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964)*. Romero ainda detalhou a importância da obra de Linduarte Noronha enquanto influência para o baiano Glauber Rocha, tratou também da significação da montagem para Jean-Luc Godard e contou episódios pessoais ligados à ilha de edição. Embora curta (em relação às demais entrevistas), a gravação de 10 minutos com o professor trouxe um material excelente para o trabalho.

6.5 Carol Diógenes

Ana Carolina Diógenes foi a primeira entrevistada mulher na sequência das gravações. A entrevista foi realizada no dia 2 de fevereiro, na residência da fonte. Carol, como se apresenta profissionalmente, também é graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba e está realizando um documentário como produto midiático para Trabalho de Conclusão de Curso. O documentário em questão trata de um violento crime ocorrido em 2012 na região de Queimadas-PB, que ficou conhecido nacionalmente como “Barbárie de Queimadas” e é um dos casos mais trágicos de violência contra a mulher da história do Brasil.

A atrocidade e os personagens em volta do ocorrido são os objetos de estudo do documentário de Carol, e embora este produto não esteja listado como uma das obras a serem abordadas pelo nosso produto, a jornalista em formação foi adicionada à lista de entrevistados para uma fala enquanto mulher do audiovisual paraibano e montadora estreante. A pauta com Carol se deu exatamente sobre a sensação de montar um trabalho cinematográfico pela primeira vez e sobre como lidar com a ausência de muitas mulheres na montagem (o que por consequência, leva a menos referências feminina para quem está iniciando). A entrevista durou 12 minutos e todas as falas da entrevistada foram contundentes, sinceras e precisas, o que facilita previamente o corte e todo o trabalho de decupagem.

6.6 Jaime Guimarães

Profissional experiente na área da montagem e fortemente atuante no cenário do audiovisual paraibano, Jaime foi listado como entrevistado para falar sobre a memória de Ely Marques e seu legado na sétima arte da Paraíba. A entrevista foi marcada também por

WhatsApp e apesar de ter sido contatado no dia 5 de janeiro de 2022, Jaime só teve agenda disponível para o dia 7 de fevereiro, quando gravamos, em sua residência e ilha de edição.

A entrevista de Jaime fluiu muito bem, assim como as demais, e muitas das suas falas sobre Ely coincidiram com as de João Carlos, criando coerência entre uma entrevista e outra. Como toda a pauta foi focada no homenageado, a entrevista não se prolongou muito e as falas de Jaime foram todas na medida certa, facilitando o ponto de corte. Assim como na entrevista com João Carlos, foi possível perceber a emoção e o carinho com o qual entrevistado falava no amigo e o tanto de admiração envolvida nos esforços que ele fizera pelo audiovisual paraibano. Em 10 minutos de entrevista foi possível captar falas excelentes para este núcleo da narrativa.

6.7 Silvio Toledo

Silvio é cineasta, artista plástico, animador e um importante realizador do cinema independente da Paraíba. Seu longa metragem *A Princesa de Elymia* (o primeiro longa animado do Estado) é uma obra de extrema importância para o gênero da fantasia e para o cinema de animação não só paraibano, mas nordestino. À frente da produtora Stairs Filmes, realizadora de seis longas-metragens no Brasil, Silvio foi um dos diretores e montadores escolhidos para uma entrevista que investiga o trabalho de montagem das obras. *A Princesa de Elymia*, que somou mais de 1 milhão de fotogramas, foi o único longa metragem entre os representantes das mesorregiões da Paraíba neste estudo.

O contato com Silvio foi feito por WhatsApp, no dia 5 de janeiro de 2022. Devido a problemas de saúde, ocasionados pela vigente pandemia, a entrevista com o animador só pôde ser realizada no dia 8 de fevereiro. Gravamos na sede da Stairs Filmes e tivemos a oportunidade de conhecer melhor os estúdios e os bastidores da produtora. Por ser um espaço que vive o audiovisual, o cenário da gravação de Silvio foi um dos mais bonitos deste trabalho, já que no segundo plano da imagem era possível visualizar tripés, fresnéis e outros equipamentos.

A entrevista em si foi breve. Silvio foi preciso nas respostas e explicou como o filme de animação lida com uma montagem cirúrgica e bastante antecipada através do *storyboard*, agrupamento de desenhos que esboçam as cenas, fazendo com que elas sejam produzidas “sob encomenda”, evitando excessos. Devido a esse fato, não existiram muitas variações das perguntas ligadas à montagem do filme em si, já que como o próprio entrevistado explicou, a montagem é feita desta maneira peculiar. Entretanto, os 8 minutos de entrevista também

renderam boas falas e um ponto de vista diferente no quesito montagem, criando o sentido de pluralidade tão desejado para o documentário.

6.8 Lunara Vasconcelos e Helton Paulino

O casal Lunara e Helton era – assim como o diretor de fotografia João Carlos - sócio do montador Ely Marques, na empresa “InCinerado Filmes”. Dado o fato de que residem juntos, foi possível gravar com ambos na mesma oportunidade. Foram contatados no dia 6 de janeiro de 2022 via WhatsApp, contudo, como os entrevistados foram infectados pela Covid-19, só foi possível realizar as gravações no dia 11 de fevereiro.

Gravamos no residencial em que mora o casal e enfrentamos pequenos problemas com o áudio, devido a uma mudança que ocorria no mesmo imóvel, porém, isto não foi um grande empecilho. Helton, enquanto diretor e Lunara, enquanto produtora, falaram das suas vivências com Ely enquanto amigos, sócios e colegas do curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande, trabalhadores do set cinematográfico. As falas foram de grande contribuição e, em 30 minutos de material bruto, é possível perceber que quando somadas às entrevistas de João Carlos Beltrão e Jaime Guimarães, as sonoras do casal são de grande valia para descrever a contribuição do profissional da montagem Ely Marques para o cinema paraibano do século XXI.

6.9 Kennel Rógis

O cineasta coremense Kennel Rógis foi o antepenúltimo entrevistado deste trabalho e o último diretor com quem conversamos. Ele foi o responsável pelo roteiro, direção e montagem do curta “Sophia”, um dos trabalhos audiovisuais paraibanos mais premiados neste século e uma obra de extrema relevância para a cinematografia do Sertão do estado (mesorregião que representa nas divisões deste documentário). A entrevista foi agendada via Whatsapp, para o dia 15 de fevereiro, em Patos-PB, nos estúdios da WebTV “DygaTV”. Em uma conversa bastante objetiva, Kennel nos contou sobre as experiências que vivenciou durante o filme, do roteiro à participação na Mostra de Cinema e Direitos Humanos, que levou o curta para vários lugares do mundo.

Sophia é uma obra diretamente marcada pela montagem e sobretudo o desenho de som, o que faz dela um exemplo ideal do impacto causado por uma pós-produção eficiente em uma narrativa. Para o documentário, a fala de Kennel é indispensável, sobretudo por evidenciar o

quanto que uma boa montagem pode não só definir um bom tempo para o filme, mas dar ritmo à história e assim conduzir o espectador para uma surpresa. Ainda na oportunidade, colocamos em pauta o trabalho de Ely Marques, montador com quem Kennel trabalhou em alguns de seus projetos e dessa forma, as falas do diretor de Sophia e outros curtas pôde contribuir para o núcleo deste produto que se dedica – também - a homenagear o montador e ativista político Ely Marques.

6.10 Rômulo Azevedo

O encontro com o professor Rômulo Azevedo aconteceu no dia 23 de fevereiro de 2022, na livraria e papelaria “Espaço de Cultura”, em Campina Grande. Essa entrevista marcou o fim das gravações para o documentário (tendo em vista que as entrevistas que faltavam seriam feitas de forma remota) e foi de extrema importância para a captura de falas que elucidam questões iniciais ainda nos primeiros minutos do trabalho. A entrevista foi agendada via telefone e mantivemos contato por Whatsapp.

O professor foi escolhido para este trabalho devido à sua prática com o trabalho de edição (sobretudo em materiais jornalísticos) e pela sua ampla vivência no estudo do processo de montagem cinematográfica, visto que teve – assim como o entrevistado Romero Azevedo – a oportunidade de começar a estudar essa etapa da realização cinematográfica ainda em seu tempo analógico. As falas de Rômulo, conforme esperado, foram precisas e de grande valor para o processo de contextualização inicial do assunto, ponto importante para que o espectador esteja bem situado sobre o que é montagem e sua necessidade dentro de um filme, ainda no começo do documentário. Além disso, também pudemos conversar sobre a distinção da montagem analógica para a digital, bem como tratarmos da obra *Aruanda* (1959), já mencionada anteriormente como de grande valor para o cinema nacional. Por fim, tratamos também dos diferenciais de um bom montador, o valor da montagem na narrativa cinematográfica e algumas experiências pessoais do professor com o estudo da montagem.

6.11 Bebel Lélis e Joana Maia

Bebel e Joana são as duas mulheres com atuação mais frequente no mercado de montagem profissional do cinema paraibano. Ambas residem em João Pessoa e foram contatadas ainda em janeiro, via WhatsApp. Apesar de terem aceitado o convite para participar e se mostrarem imensamente prestativas à colaboração com este documentário, a pandemia de

Covid-19 foi fator determinante para que as gravações com as montadoras que compunham um núcleo tão importante da narrativa não acontecessem.

De acordo com as estatísticas levantadas pelo consórcio entre os veículos de imprensa no Brasil, a Paraíba teve um aumento de 8398 casos de Covid-19 entre 1 de janeiro e 4 de fevereiro de 2022. Nesses dados, estão Bebel Lélis e pessoas próximas de Joana Maia. Felizmente, todas recuperadas e saudáveis, entretanto, as problemáticas que as infecções trouxeram acabaram impedindo que as gravações acontecessem dentro do cronograma proposto para as gravações (realizadas em janeiro e fevereiro de 2022).

Contudo, dado o interesse de ambas em participarem do documentário e a relevância dessas entrevistas para o trabalho, definimos que esta produção terá dois “cortes” (termo comumente utilizado no cinema para se referir a “versões”), sendo uma finalizada em março – para a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso – e outra em abril, após gravar com as montadoras. O segundo “corte” será exibido em estreia pública e submetido a festivais de cinema de todo o Brasil.

7 DETALHAMENTO TÉCNICO

7.1 Captação de imagens

Para a fotografia deste trabalho, foi utilizada uma câmera mirrorless modelo Sony ILCE-6500, Sensor Exmor CMOS tipo APS-C (23,5 x 15,6 mm). A objetiva escolhida foi a Lente Sigma 30mm f/1.4 DC DN Contemporary, montagem E-mount, é válido ressaltar ainda que nenhum filtro foi adicionado à objetiva para as gravações. Foram utilizados ainda os cartões de memória SanDisk Extreme PRO SDXC UHS-I - C10, U3, V30, 4K UHD, sendo duas unidades com 16Gb de capacidade de armazenamento e outras duas com 32Gb de armazenamento. Para assegurar a estabilidade das imagens na entrevista, foi utilizado um tripé Benro Kh-25m hidráulico. As baterias que alimentaram a câmera foram as Sony NP-FW50 e a Watson NP-FW50. Todos os equipamentos citados pertencem ao acervo profissional do realizador deste produto.

O perfil de cor escolhido para a captação foi o *slog2*, que permite maior alcance dinâmico no processo de Colorimetria, realizado somente na finalização do documentário. Este perfil de cor e seu alcance possibilitam maior segurança diante das adversidades na iluminação. Por tratar de um documentário centrado em entrevistas, o que inclui a visita em locais cuja iluminação normalmente não é controlada (a residência dos entrevistados, na maior parte das

ocasiões), assegurar a qualidade na cor das imagens captadas é indispensável para um aspecto agradável na finalização. O formato de gravação escolhido foi o XAVC S 4K; ainda que o trabalho seja finalizado no popular formato Full HD (1920x1080 pixels), a escolha do 4K (3840 x2160 pixels) garante imagens mais nítidas e a possibilidade de um zoom digital na imagem, em situações que requeiram o corte. Embora aumente consideravelmente o “peso” do projeto no que diz respeito ao armazenamento e no processamento requerido do computador em que o material será montado e finalizado, o formato 4K – somado ao perfil de cor sLog2 – foi uma decisão acertada e gerou diversas possibilidades criativas e soluções para eventuais problemas estéticos nas imagens.

7.2 Captação de áudio

Tendo em vista a importância do áudio para a construção de um produto audiovisual, houve um cuidado especial no tocante à captação da banda sonora das entrevistas. A primeira decisão foi a de usar um microfone sem fio de cápsula condensadora omnidirecional embutida, modelo RØDE Wireless Go, levando em consideração o fato de que estaria sozinho com os entrevistados durante a gravação, o que impossibilitaria o manuseio de um microfone direcional tipo “boom” e considerando que um microfone tipo “de mão” não colaboraria para uma boa estética, sendo assim, o microfone tipo “lapela” o mais indicado para o trabalho. O uso de um equipamento sem fio e de qualidade assegurou a praticidade para “microfonar” os entrevistados e para monitorar o áudio, visto que esse não sofreu em instante algum com interferências.

Embora houvesse a escolha pelo som direto (som registrado no mesmo instante em que as imagens, independente da forma como foi captado), o áudio não foi captado direto pela câmera. Em vez de conectar o receptor do microfone sem fio à entrada de áudio externo da Sony ILCE-6500, optou-se por conectá-lo ao gravador Zoom H1n, via cabo RØDE P2 TRS, garantindo assim uma melhor qualidade no áudio, incluindo a possibilidade de um ajuste fino no volume do áudio simultâneo à gravação (tendo em vista que a projeção da voz dos entrevistado tende a oscilar ao longo da entrevista), além de possibilitar o formato de gravação .Wav, adequado para um bom tratamento de áudio na finalização. Estes equipamentos também fazem parte do acervo profissional do realizador do trabalho.

8 PÓS-PRODUÇÃO

Esta é a etapa subsequente às gravações e corresponde a boa parte do trabalho realizado para que este produto possa ser assistido pelos espectadores. Por tratar-se de um documentário que fala sobre montagem cinematográfica, é imprescindível que toda a pós-produção receba a atenção devida, tendo em vista o que elucida Murch (2004), ao reforçar o papel vital do editor de cinema - ou montador - e sua relação com a direção (no caso deste trabalho, a mesma pessoa ocupa as duas funções).

Um editor de filmes desempenha, sob vários aspectos, o mesmo papel para o diretor que o editor de texto para o escritor de um livro - encoraja algumas atitudes, desaconselha outras, discute a possibilidade de incluir um material específico no trabalho terminado ou a necessidade de se acrescentar material novo. (MURCH, 2004, p.37).

A pós-produção do documentário teve início após o dia 23 de fevereiro de 2022, quando foi realizada a última entrevista (com o professor Rômulo), no entanto, algumas movimentações típicas da montagem já aconteciam simultaneamente às gravações, a exemplo da sincronização do áudio gravado externamente à câmera e ainda algumas marcações de falas importantes. Agilizar os “pequenos detalhes” concomitantemente às gravações foi fundamental para que ganhássemos tempo para dedicar as energias à condução do sentido e ritmo da narrativa.

8.1 Roteiro para narração

Diante das variadas entrevistas, foi possível inferir que a presença de uma narração seria eficaz, sobretudo para conectar os núcleos do documentário e ainda ligar uma temática à outra, de forma que a história permanecesse fluida e o entendimento do público continuasse demandando pouco esforço ou conhecimentos aprofundados acerca da linguagem cinematográfica. Buscando atender ao objetivo de finalizar um produto midiático capaz de transcender as fronteiras do ambiente acadêmico, a figura do narrador, onisciente e sem envolvimento com os personagens, surge para contextualizar o público e prepará-lo para o conteúdo das entrevistas.

O texto utilizado no roteiro de narração foi elaborado em três dias, seguindo a estrutura narrativa traçada previamente no planejamento do documentário. Para a voz, selecionamos a atriz Futura Leonardo, com quem tivemos experiências positivas em outros trabalhos. Ademais, foi pensada a importância de uma voz feminina narrando um documentário que fala sobre o

cinema paraibano. Esse detalhe busca vislumbrar um futuro mais inclusivo e igualitário em que as mulheres possam de fato, ter sua voz ouvida pelos espectadores da sétima arte.

A busca por uma linguagem simples foi norteadora para a realização do roteiro a ser narrado. Nesta etapa, a orientação de Cássia Lobão foi imprescindível para a finalização de um bom texto, sendo não apenas uma segunda opinião, mas também revisando coerência e coesão, seguindo sempre a proposta traçada inicialmente de elaborar um documentário compreensível para um público amplo.

8.2 Arquivos

Por se tratar de um documentário que visita obras já finalizadas, publicadas e premiadas por suas qualidades, trabalhar com arquivos era uma etapa indispensável, já que imagens de bastidores, esboços de roteiro, fotografias para divulgação e materiais afins auxiliam na construção de um produto audiovisual bem ilustrado.

A ideia de utilizar esses arquivos surge não somente para ilustrar as falas, mas também para ampliar o contato do espectador com os bastidores da produção cinematográfica, evidenciando o quanto que o trabalho de diretores de fotografia, platôs e demais membros do set está integrado com o ofício do montador.

A princípio, a proposta era a de trabalhar somente com os arquivos dos filmes selecionados: “Sophia”, “A Princesa de Elymia”, “Amanda e Monick” e “O Plano do Cachorro”, entretanto, a homenagem que o documentário presta ao trabalho de Ely Marques Ferreira ampliou a quantidade de fotografias e vídeos utilizadas a serem inseridos. Em conversas com os entrevistados para a homenagem a Ely, solicitamos imagens de bastidores e até mesmo do acervo pessoal dos entrevistados em que estivessem com o montador. Ademais, a colaboração de Cláudia Soriano, companheira de Ely, foi extremamente relevante, tanto no que diz respeito aos arquivos disponibilizados (dentre eles materiais inéditos, bastidores de produções do cineasta e outras fotografias), como no tocante à aprovação da postura de homenagem ao legado deixado por Ely enquanto montador, proposta pelo documentário.

Contamos ainda com imagens de bancos de imagens que trabalham sob a licença “CC BY-SA” para questões de direitos autorais. Nessa licença, é permitido reproduzir uma obra midiática em outra, desde que o autor original seja creditado visivelmente. Assim, sites como *Flickr*, *Pexels* e *Wikimedia Commons* foram de grande contribuição para arquivos extras, utilizados principalmente para ilustrar as falas da narradora.

8.3 Montagem

A montagem é uma das etapas definitivas da pós-produção, sobretudo de um documentário. Como este próprio trabalho elucidada, é durante este processo que a narrativa ganha ritmo e sentido, além de permitir uma seleção acurada das falas captadas durante as entrevistas. Segundo a classificação proposta por Nichols (2005), este produto pode ser identificado como um documentário expositivo e a montagem se comporta diante desse rótulo, auxiliando o filme a apresentar fatos para o espectador e oportunizando a introdução das entrevistas.

A seleção das entrevistas foi feita levando em consideração o impacto das falas na história. Durante a montagem, foi primordial ter em mente um tempo “base”, estipulado como limite para a duração do documentário. Dado o fato de que o montador também dirige o documentário e participou de todas as gravações, é inevitável que exista um “apego” às falas dos entrevistados, dessa forma, ter um “tempo limite” colaborou para que as entrevistas fossem cortadas tendo em vista a compreensão do espectador em seu tempo mais veloz, descartando excessos ou redundâncias por parte dos entrevistados.

Esta montagem, digital e realizada no aplicativo Adobe Premiere Pro 2022, lidou com mais de 200 *gigabytes* em arquivos. Entre eles estavam: as entrevistas, os filmes abordados, imagens de making of, trailers, fotos cedidas do acervo pessoal de alguns entrevistados, vídeos de bancos de imagens de licenças gratuitas, entre outras mídias. Para administrar todos esses arquivos e encadear ideias a fim de elaborar uma narrativa coesa e coerente para o espectador, foi necessário pensar o documentário segmentado por assuntos, introduzindo assim as entrevistas entre a narração, enumerando os núcleos como “partes”.

A “*parte 1*” conta com a abertura do documentário, mencionando brevemente a cadeia de produção de uma obra cinematográfica e elucidando o que é a montagem, tema principal do filme. Aqui, estão recortes de montadores explicando o próprio conceito de montagem e defendendo o valor desta etapa para um bom filme. Na “*parte 2*”, introduz-se uma contextualização histórica acerca do primeiro equipamento de montagem, a Moviola, e a escassez deste aparato na Paraíba, destacando o pioneirismo e a bravura dos realizadores do cinema paraibano. Ainda no âmbito de historiar o cinema da Paraíba, é mencionada a obra *Aruanda (1959)* e sua forte ligação com o movimento do Cinema Novo, demonstrando que apesar da carência de estrutura no Estado, a Paraíba conseguiu se destacar com o trabalho de Linduarte Noronha e demais realizadores. Neste trecho, estão as entrevistas com os professores Rômulo e Romero Azevedo. A “*parte 3*” diz respeito ao estudo dos quatro filmes escolhidos

para aprofundarmos os estudos neste documentário e é nesse momento em que entram as entrevistas com Arthur Lins, André da Costa Pinto, Kennel Rógis e Silvio Toledo. Esse é um dos núcleos mais longos, pois aborda a montagem no cinema paraibano do século XXI, objeto de estudo principal do trabalho. A “*parte 4*” finaliza o documentário: além de reiterar a importância de se estudar o cinema local e buscar a preservação dele, esse núcleo presta uma homenagem ao trabalho de Ely Marques Ferreira, contando com diversas cenas de filmes em que trabalhou e com sete entrevistas de amigos e colegas de profissão que tiveram a oportunidade de dividir produções com o homenageado. A última cena, que antecede os créditos finais, traz uma fala de Ely Marques (apenas áudio e tipografia animada) explicando que valorizar a cultura local é manter viva a soberania e a identidade de um povo. A mensagem de Ely, que foi o montador mais importante do cinema paraibano no século XXI, arremata perfeitamente o documentário de forma que justifica, ainda que indiretamente, a existência dessa produção e a mensagem que este produto busca deixar para o público.

8.4 Finalização

Como sugere o nome, este processo representa os últimos momentos da pós-produção. Nele, acontecem a Colorimetria, Sonorização, inserção de animações em vídeo (sejam 2D ou 3D), legendas, entre outros processos. Para um documentário expositivo, muitos desses recursos são essenciais para um produto audiovisual mais atrativo e didático, como explica Puccini (2007).

Parte considerável da carga de informação de um documentário pode ser comunicada para o espectador através de recursos visuais como legendas, gráficos, textos na tela, ou pelo registro de eventos, dramatizados ou não. (PUCCINI, 2007, p.189).

Neste trabalho, o primeiro processo ligado à finalização a ser realizado foi o da colorimetria. Como já mencionado anteriormente, o perfil de cor *slog2* foi utilizado em muitas das imagens, com o intuito de preservar o máximo de informações de luzes e sombras nas imagens, a fim de permitir ajustes mais precisos justamente nesta etapa. Por se tratar de um documentário marcado sobretudo por entrevistas, as cores não integram a narrativa tanto quanto ocorre em uma ficção (em que as cores presentes na cena são determinantes para as emoções do espectador), assim, o trabalho de colorimetria desenvolvido buscou primordialmente ter um bom balanço de luzes, sombras, contraste, nitidez, saturação e outros parâmetros ligados à correção de cor. O *plugin* Magic Bullet Colorista V, da desenvolvedora Red Giant foi fundamental para esse trabalho, oferecendo ferramentas profissionais completas para uma

colorimetria que apesar de simples, buscava bastante qualidade de imagem e cores fiéis à realidade das gravações. Poucas complicações foram encontradas durante esse trabalho, já que, embora as gravações não tenham sido realizadas em ambientes controlados no tocante à iluminação (exceto com Kennel Rógis e Silvio Toledo, com os quais gravamos em estúdio), não houve muitas variações na luz natural, o que não causou grandes diferenças na imagem ao longo das entrevistas.

O processo de sonorização também aconteceu de forma bastante tranquila. O áudio captado pelo microfone de lapela estava sem ruídos, como previsto (e monitorado), e, portanto, o único trabalho demandado foi o do balanceamento do volume da voz dos entrevistados e poucos ajustes de equalização nas frequências de graves e médios, a fim de tornar as falas ainda mais compreensivas. Para a trilha sonora, o documentário contou com o site “Epidemic Sound”, portal sob assinatura em que criadores de trilhas e efeitos sonoros vendem seus trabalhos. Após a assinatura de 12 dólares mensais, o site disponibiliza a licença das trilhas armazenadas em seus bancos de dados. A partir desse investimento, foi possível trabalhar com uma banda sonora de alta qualidade, composta por criadores de todo o mundo, estando devidamente regulamentado pela Lei de Direitos Autorais.

Por fim, dois processos importantes foram realizados: a inserção de legendas, caracteres animados e demais animações de suporte. As legendas existem no intuito de tornar o documentário ainda mais acessível a todos os públicos, além de facilitar o entendimento das falas da narradora e dos entrevistados. As animações, todas autorais, foram desenvolvidas no Adobe After Effects 2022 e seguem uma proposta minimalista, coerente com a identidade visual traçada para o produto, mas fluida e trabalhando com formas geométricas. Esse trabalho conclui a pós-produção do documentário e o torna hábil para exibição, ainda mais acessível, compreensível e ainda com um estilo próprio.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer cinematográfico, assim como as demais artes, tem os desafios como parte de sua natureza. Realizar um produto audiovisual com uma equipe reduzida e em tempo de pandemia é um exercício de fato desafiador, mas é um esforço que é nitidamente recompensado diante da contribuição cultural à qual este documentário se propõe. O cinema da Paraíba tem inúmeras nuances e é indispensável levar em consideração as pessoas que estão por trás das histórias que são contadas, afinal, é dessas mentes que surgem as obras que vão para as telas, seja das salas de cinema comerciais, dos festivais ou até mesmo da internet. Por tratar-se de um documentário que estuda o trabalho de terceiros, o aprendizado mediante o contato com os realizadores é enriquecedor e essa também é uma das recompensas ao esforço empenhado nesta produção. A troca de ideias, gentilezas, conversas paralelas e as boas risadas fizeram parte deste trabalho tanto quanto os obstáculos que surgiram no caminho, e, portanto, o crescimento enquanto ser humano é imensurável.

Do ponto de vista acadêmico, é válido salientar que a realização de um documentário audiovisual empreende o uso de diversos conhecimentos adquiridos ao longo de uma graduação em jornalismo. No caso específico dessa produção, técnicas de entrevista, pesquisa, apuração e tantas outras expertises do fazer jornalístico foram de grande valia para a realização de um produto midiático bem planejado e cuja qualidade seja justa em relação ao tema que aborda. O contato do jornalismo com o cinema não é novidade, mas quando esse encontro é vivenciado de forma prática, com a câmera na mão e frente aos entrevistados, é possível compreender o quanto essa “mistura” é válida para um audiovisual plural, como deve ser o da contemporaneidade. Esse também é um aprendizado que jamais será esquecido.

É importante dar destaque a alguns percalços e a rede de apoio com a qual foi possível contar para ultrapassá-los. Por se tratar de uma produção realizada entre o último trimestre de 2021 e o primeiro de 2022, é nítido que esse produto foi e ainda será afetado pela pandemia de Covid-19 no Brasil; esse foi, de fato, o grande obstáculo da realização do documentário, visto que impediu a gravação planejada com duas fontes indispensáveis para um núcleo que, infelizmente, só poderá ser adicionado ao documentário em um segundo corte, além de ter desnortado por diversas o cronograma de gravações, tendo em vista o potencial de rápida infecção do vírus, o que descartava qualquer possibilidade de gravação presencial caso alguma das partes (entrevistador ou entrevistado) estivesse contaminada ou tivesse tido contato com alguma pessoa infectada. Contudo, apesar dos contratemplos, o produto foi realizado com boa qualidade e em certa instância, isso só foi possível devido ao suporte que tivemos por parte de

muitas pessoas. Além da disponibilidade para gravar e colaborar com a entrevista, todos os entrevistados foram extremamente solícitos e, devido ao contato que já possuem com a realização do audiovisual, todos fizeram o possível para proporcionar um ambiente bem iluminado, sem ruídos sonoros e confortável para o momento da entrevista, o que facilitou enormemente a etapa de gravações. É importante enfatizar também a contribuição da diretora de fotografia e graduanda em jornalismo Carol Diógenes, que participou como operadora de câmera em algumas gravações, além de contribuir com registros para os bastidores do trabalho. Há ainda uma grande participação de muitos colegas que também trabalham no audiovisual paraibano, dos quais vale destacar o suporte dado pelas experientes realizadoras Sarah Cristinne e Sara Andrade, que viabilizaram muitos dos primeiros contatos necessários para o documentário. É indispensável salientar ainda a contribuição de Claudia Soriano, companheira de Ely Marques, que chancelou a realização da homenagem ao montador e colaborou com diversos arquivos inéditos, dentre eles imagens da ilha de edição de Ely Marques, bastidores e muito mais. Todo esse trabalho reforçou uma lição importante: ainda que um mesmo realizador assuma diversas funções, o cinema foi e é uma arte coletiva!

Por fim, é notável enfatizar que todo o esforço empenhado na realização deste documentário é laureado pela certeza de que em breve este produto audiovisual poderá ser exibido em salas de aula, festivais de cinema e tantos outros espaços Brasil a fora, comunicando não somente a força do processo de montagem, mas a bravura, ousadia e criatividade do povo da Paraíba. Realizar um filme dessa natureza traz incontáveis aprendizados, novos amigos e oportuniza o crescimento enquanto jornalistas, cientes de que contar histórias de forma ética e comprometida com a verdade ainda é o caminho para uma comunicação honesta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J. **A estética do filme**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

BALLERINI, F. **Cinema brasileiro no século 21: Reflexões de Cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2012.

CANELAS, C. **Os Fundamentos Históricos e Teóricos da Montagem Cinematográfica: os contributos da escola norte-americana e da escola soviética**. Biblioteca online de ciências da comunicação, Lisboa: Instituto Politécnico da Guarda; 2010.

CANUTO, K. J. **O audiovisual paraibano: uma proposta de cartografia espacial, social e midiática**. Natal, Tese (Doutorado em Estudos da Mídia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

FROEMMING, L. **A montagem no cinema e a associação-livre na psicanálise**. Porto Alegre, Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

JOLY, M. **A imagem e a sua interpretação**. 1. ed. [S.l.]: Edições 70, 2002.

MURCH, W. **Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre**. Rio De Janeiro: J. Zahar, 2004.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

ROCHA, G. **“Documentários: Arraial do Cabo e Aruanda”**. Jornal do Brasil, Suplemento Dominical, 6 ago, 1960. Disponível em: contracampo.com.br/15/documentarios.htm

ROLIM, C. L. **Estratégias Alternativas de Produção no Cinema Brasileiro Contemporâneo: O caso da cooperativa “Filmes à Granel”**. João Pessoa, Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Audiovisuais), Universidade Federal da Paraíba, 2017.

TREVAS, F. **“Luz rebelde: sob o sol do cinema paraibano”**. Mester, 49. 2020. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/6z4346r6>.

SOARES, S. J. P. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, Tese (Doutorado em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, 2007.

ANEXOS

Figura 1 - Entrevistas com André da Costa Pinto, Arthur Lins e João Carlos Beltrão



Figura 2 - Entrevista com Romero Azevedo



Figura 3 - Entrevistas com Carol Diógenes, Silvio Toledo e Kennel Rógis



Figura 4 - Entrevista com Jaime Guimarães



Figura 5 - Entrevistas com Helton Paulino, Lunara Vasconcelos e Rômulo Azevedo



Figura 6 - Narração com a atriz Futura Leonardo

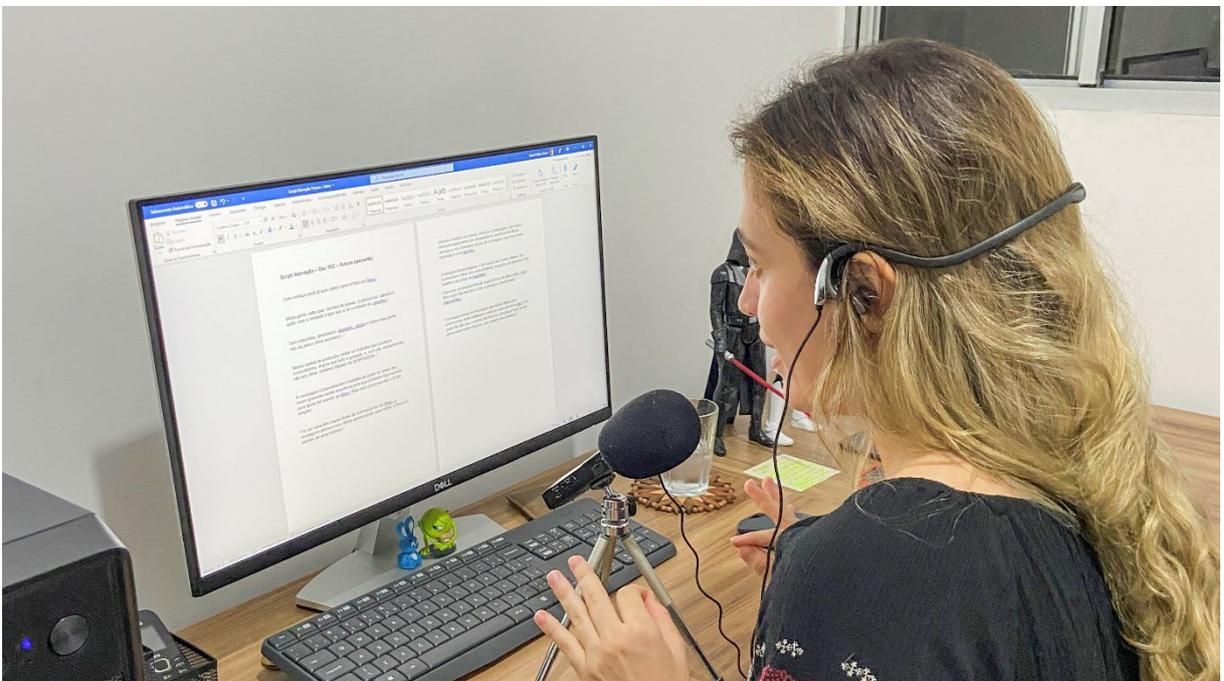


Figura 7 - Print da linha do tempo da montagem

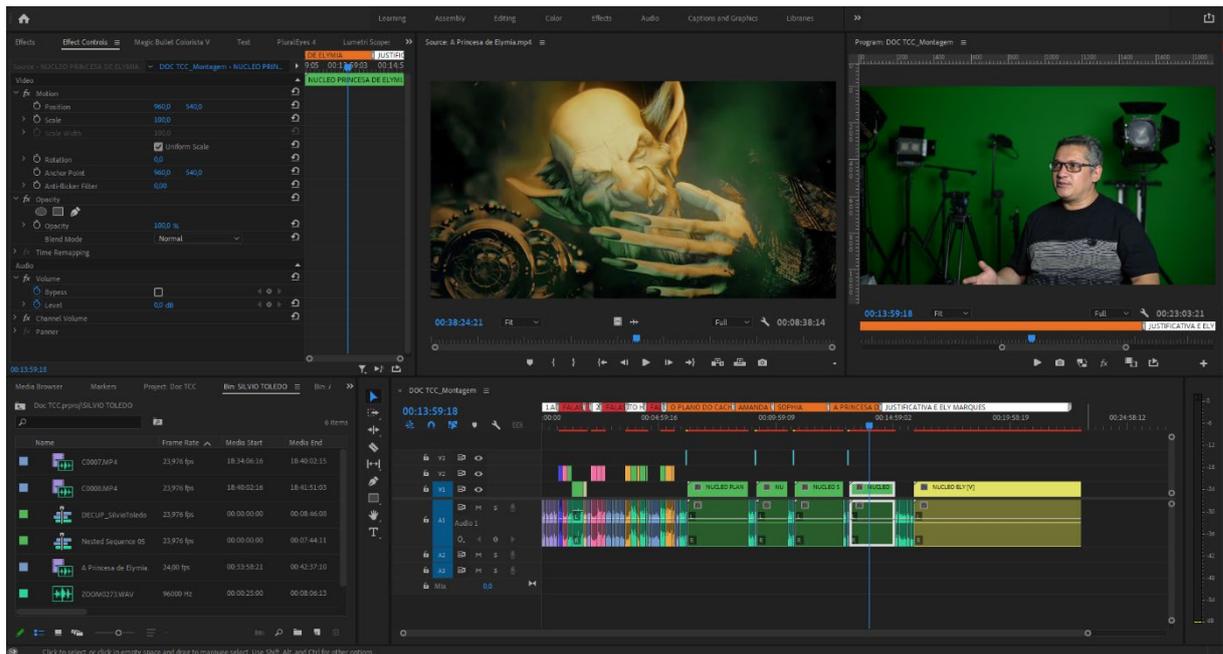


Figura 8 - Print do plugin “Magic Bullet Colorista V” na colorimetria

